



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Camisa vermelha

Que me desculpem os entendidos, mas entrarei em campo para dar as minhas caneladas nesta história trágica da nova camisa vermelha da Seleção Brasileira. Não pode existir proposta mais estapafúrdia. Tal sandice é reveladora do desconhecimento da história do futebol brasileiro pela diretoria atual da CBF. É uma tentativa de apagar toda a rica tradição da Seleção Brasileira.

Nesta longa estrada da vida, tive o privilégio de torcer, me retorcer e

celebrar o Brasil sagrar-se campeão em três Copas do Mundo: 1970, 1994 e 2002. Eu ainda era muito pequeno em 1958 e 1962, as outras duas copas levantadas. Mas, muito mais tarde, as acompanhei pelos olhos de Nelson Rodrigues, ao ler as crônicas memoráveis que ele fez a partir das narrativas ouvidas nos radinhos de pilha.

Vi, pelos olhos de poeta do Nelson, que Garrincha deu tamanho baile nos russos que só faltava uma valsa de Chopin como fundo musical. Nelson vislumbrou o jogo com a sensibilidade de um Shakespeare de chuteiras. Ali, sentimos talvez, pela primeira vez, como era bom ser brasileiro. O escrete brasileiro vestia camisas amarelas ou azuis.

Depois que um time é campeão,

os erros e as falhas são totalmente esquecidos. Mas, na verdade, o time de 1970 saiu vaiado do Brasil, com Pelé e tudo. Foi a primeira Copa transmitida ao vivo pela televisão. Pelé fez uma jogada de balé na partida contra o Uruguai, aplicando um drible de corpo no goleiro Mazurkiewicz e pegando a bola do outro lado, chutando e errando por pouco no quase-gol mais bonito da história do futebol.

Lembro dos passes de 40 metros que Gérson dava, com a bola viajando na estratosfera e caindo no peito de Pelé ou de Jairzinho, na cara do gol. Ou da disputa de pênaltis da Copa de 1998 com a Holanda, quando fui expulso da sala porque todos ficaram com medo de que eu tivesse uma síncope. Fiquei na rua ouvindo os lamentos e os gritos

de gol, tentando adivinhar no escuro o que acontecia.

E aquela disputa de pênaltis da Copa de 1994 teve um suspense de matar o Hitchcock, diria Moreira da Silva. Mas, felizmente, o craque italiano Roberto Baggio chutou para a Lua e o Brasil foi campeão. Está também viva em minha memória, em jogo que parecia perdido para a Inglaterra em 2002, aquele gol espírita que Ronaldinho Gaúcho fez ao cobrar uma falta do meio de campo. Todos os lances com as camisas amarela ou azul.

Durante muito tempo, considerei o futebol um espaço utópico do que o Brasil poderia ser se se empenhasse em outros campos de atividade com a determinação, a paixão, a raça e a inventividade do esporte. No entanto,

muitas situações mudaram. O futebol não é mais privilégio do Brasil. Com a globalização, a cultura do futebol se disseminou por todo o mundo. Hoje, você tem norueguês aplicando o drible do elástico.

A proposta indecente dessa camisa vermelha nos reduz a vira-latas que abdicam de toda uma tradição gloriosa de batalhas épicas para imitar qualquer paiseiro do futebol. É reveladora da ignorância sobre a história do futebol brasileiro. Mostra como a CBF está perdida. Os outros países evoluíram e nós relegamos o nosso futebol ao mesmo atraso das outras áreas. Que maravilha se o problema do futebol brasileiro fosse a camisa. Eu me recuso a assistir a um jogo da Seleção Brasileira com a camisa vermelha.

ACOLHIMENTO / Com a inauguração do primeiro Centro de Referência da Mulher Brasileira (CRMB), o DF amplia os espaços de acolhimento e capacitação para mulheres em vulnerabilidade, que também terão Passe Livre no transporte público

Mais proteção às mulheres

» LETÍCIA MOUHAMAD

O Recanto das Emas ganhou, ontem, o primeiro Centro de Referência da Mulher Brasileira (CRMB) no Distrito Federal. Ponto de apoio e orientação para mulheres em situação de violência, o espaço terá atendimento gratuito e espontâneo conduzido por uma equipe multidisciplinar, além de capacitação profissional. Outra novidade é que aquelas que contarem com registros de medida protetiva e situação de acolhimento terão direito ao Passe Livre no transporte público da capital.

Segundo o governador Ibaneis Rocha (MDB), o objetivo do acesso gratuito ao transporte coletivo é permitir às vítimas chegar com facilidade aos centros de acolhimento e outros locais onde houver serviços da Secretaria da Mulher. “É uma forma de garantir que elas possam acessar os serviços em um momento que pode ser de reconstrução de suas vidas”, destacou.

A medida voltada para agilizar a mobilidade também vai assegurar que essas mulheres evitem interromper tratamentos contínuos oferecidos pelo GDF. “O atendimento psicossocial oferecido nas nossas unidades não acontece em um dia, ele tem uma sequência. Muitas mulheres falavam que não tinham dinheiro para pagar a passagem para dar andamento, porque o tratamento é de, no mínimo, 12 encontros. Elas começavam participando e, depois, acabavam abandonando por essa questão. Essa nova medida vem para solucionar esse problema”, detalhou a secretária da Mulher, Giselle Ferreira.

O secretário de Transporte e Mobilidade, Zeno Gonçalves,

reforçou que o Passe Livre funcionará em todas as linhas de ônibus e metrô. “Trata-se de uma medida que garante às mulheres vítimas de violência doméstica o acesso ao transporte público coletivo, de forma que possam se deslocar mais facilmente para acessar os serviços públicos de saúde, segurança e assistência que precisam buscar”, ressaltou.

Acolhimento

O CRMB, que conta com salas de atendimento psicossocial, brinquedoteca e espaços de convivência, “é a porta de entrada para que mulheres em condições de vulnerabilidade possam mudar de vida”, destacou Ibaneis. A iniciativa é fruto de uma parceria entre o Ministério da Mulher, a secretaria da Mulher do DF e a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap). Na próxima sexta-feira, a segunda unidade do CRMB será inaugurada em São Sebastião. Sol Nascente e Sobradinho II também terão unidades do Centro até o fim do mês.

Presente na solenidade, a ministra da Mulher, Márcia Lopes, reforçou a importância da iniciativa. “Que aqui não seja falado só de violência, mas que todas se sintam ouvidas e se sintam protagonistas de um mundo que todos nós queremos, o mundo de paz onde a riqueza seja repartida e as pessoas se sintam de fato dignificadas”, afirmou.

Diferentemente da Casa da Mulher Brasileira, localizada em Ceilândia, o novo centro não oferece alojamento temporário. O espaço vai funcionar das 9h às 18h, de segunda a sexta-feira. Os serviços gratuitos não precisam de agendamento prévio nem são restritos aos moradores do Recanto das Emas.

Renato Alves/Agência Brasília



CRMB do Recanto das Emas fortalece a rede de proteção feminina no Distrito Federal, que terá mais três centros iguais até o final de 2025

Renato Alves/Agência Brasília



O Governador Ibaneis Rocha (C), junto à vice-governadora Celina Leão, esteve na inauguração com a Ministra da Mulher, Márcia Lopes (D)

ELEIÇÕES 2026

Celina ganha apoio em encontro de empresários

» DAVI CRUZ

O almoço-debate promovido pelo Grupo de Líderes Empresariais (Lide-DF), ontem, teve fortes indícios de que foi dada a largada para a corrida eleitoral de 2026 na capital federal. O evento teve como palestrante o senador Ciro Nogueira (PP-P), copresidente da União Progressista — federação recém-formada entre os partidos Progressistas (PP) e União Brasil. Ele considerou que deve haver um alinhamento entre o grupo de centro-direita e os partidos que integram a base do governador Ibaneis Rocha (MDB). Dessa forma, em sua opinião, isso ajudará a eleger a vice-governadora

Celina Leão (PP) como chefe do Executivo do DF no ano que vem.

“Precisamos furar um pouco dessa bolha de Brasília, dessa polarização absurda em que o país se encontra, e falar dos desafios que pensamos principalmente para 2026. Além disso, realmente, devemos discutir o processo eleitoral, ver o que podemos aproveitar neste ano do Congresso Nacional e apresentar as propostas que realmente possam ajudar o nosso país a crescer”, acrescentou.

Sobre Celina Leão, pré-candidata da União Progressista, o senador ressaltou que: “Ela está fazendo um grande trabalho ao lado do governador Ibaneis, tem experiência e diversos serviços

prestados à cidade. Tenho certeza de que será uma grande governadora”.

A vice-governadora destacou a relevância política do encontro. “Foi uma oportunidade do Ciro (Nogueira) compartilhar um pouco do que ele pensa sobre o Brasil. Ele nos ajudou na última eleição e tenho certeza de que, nesta legislatura, onde eu sou a candidata, não será diferente”, afirmou.

Celina lembrou que tem uma visão de governo mais liberal e voltada ao incentivo empresarial. “Nós temos uma postura, realmente, de incentivar o empresarial, de diminuir impostos, de geração de emprego, de renda, de trazer investimentos para o

Distrito Federal. O meu perfil é de um estado realmente efetivo, que gasta seus recursos dentro da normalidade, não um estado inchado”, explicou.

Já o chefe do Burti, Ibaneis, lembrou a aliança construída com a vice-governadora desde as eleições de 2018 e também reafirmou que ela é seu nome natural para a sucessão. “Esperamos governar o Distrito Federal ainda por muitos anos, com Celina assumindo o governo em abril do ano que vem e galgando, aí, uma eleição. Será um processo bastante disputado, mas, pela transformação que fizemos no DF ao longo dos últimos seis anos, tenho certeza de que o eleitor vai saber

compreender”, declarou. “É hora da centro-direita se reunir”, acrescentou o governador.

Participação

Por outro lado, o empresário Paulo Octávio, anfitrião do evento, presidente do PSD-DF e ex-vice-governador, destacou a importância da federação criada. “A criação da União Progressista vem numa hora muito importante da política brasileira. São partidos enormes, com o maior número de deputados da Câmara Federal, além de senadores, prefeitos e vereadores. Essa federação pode decidir a eleição do ano que vem, em vários níveis, não só a federal,

mas nos estados também”, disse.

Para ele, o país precisa de menos Estado e mais participação do setor produtivo. “Nós estamos um pouco omissos. É importante que o setor produtivo apresente um projeto para o Brasil, não para os partidos, não para os candidatos, mas para o Brasil. Os empresários têm que se manifestar e mostrar que são a locomotiva do Brasil. Na minha visão, está faltando muito uma participação mais ativa de quem trabalha, gera empregos, que paga impostos”, destacou Paulo Octávio.

Leia mais na coluna Capital S.A., na página 16